

“DAS RUAS PARA O OLIMPO”: O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO SKATE COMO ESPORTE PELA *FOLHA DE SÃO PAULO* (1985-2022)

Richard Guilherme NASCIMENTO¹
Gustavo dos Santos PRADO²

RESUMO

O ano de 2021 para alguns foi marcado pela inclusão do *skate* nos Jogos Olímpicos de Tóquio, um marco para toda a história de quem ama e pratica o esporte, que, por tantos anos, foi discriminado e associado à marginalidade no Brasil. E, logo em sua estreia, os representantes brasileiros trouxeram três medalhas de prata, acompanhado um novo olhar por meio da sociedade para o *skate*. O objetivo deste artigo é analisar o desenvolvimento do *skate* como um esporte, através das matérias da *Folha de São Paulo*, e observar como foi o posicionamento do jornal em relação ao *skate* ao longo dos anos, no período de 1988 a 2021. O trabalho discute as identidades juvenis, cultura, contracultura, história do *skate* e adota a metodologia de análise de conteúdo. Foram analisadas mais de 20 matérias sobre o *skate* divulgadas no periódico ao longo de três décadas. O leitor notará que a *Folha de São Paulo* não adotou um discurso discriminatório contra o *skate*, ajudando, inclusive, a discutir a importância da prática esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: *Skate, Folha de São Paulo, Olimpíada.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o *skate* antes após se tornar um esporte olímpico, mais especificamente através de matérias do jornal *Folha de São Paulo*. O *skate*, em 2021, se tornou um assunto muito pautado mediante as linhas editoriais dos jornais do Brasil. Um esporte que foi marginalizado durante tantos anos acabou ganhando espaço em meio à sociedade.

O estudo busca expor desde a proibição do *skate* na cidade de São Paulo, em 1988, pelo então prefeito da cidade Jânio Quadros, passando pela vinculação com movimentos contraculturais, destacando o início de uma esportivização até mesmo com a consolidação de órgãos que regem o *skate* como um esporte, priorizando entender as entrelinhas dessa inclusão nos jogos olímpicos e quais resultados isso trará para o esporte e as vantagens para seus praticantes.

Ademais, o artigo traz a análise sobre como o jornal *Folha de São Paulo* se posicionou durante toda a trajetória do *skate*, com materiais que apresentam a

¹ Acadêmico do 8º período do curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: guirichard2017@gmail.com.

² Professor orientador. E-mail: gsprado@fag.edu.br.

evolução e a conquista de espaço a cada ano. Levando em conta o momento em que a comunicação se encontra, é importante que seja feita a análise dos veículos de comunicação e suas evoluções, portanto, observar se há uma modificação nas linhas de uma reportagem, diante de como um tema se encontra no mundo (o *skate*, por exemplo), é significativo para a comunidade jornalística e para estudiosos da área do desporto.

Mediante isso, o trabalho investigou quais são as evoluções que a prática esportiva do *skate* obteve, tanto como movimento cultural, quanto movimento esportivo, sendo que isso é observado pela interpretação da *Folha de São Paulo*.

Para isso, apresentar os conceitos da cultura e da contracultura é de suma importância, focando nas representações que exercem sobre o *skate* e o jovem que o pratica, dado que, à medida que o *skate* se desenvolveu, sempre esteve enraizado na contracultura, até os dias atuais. Para isso, discorrer sobre a história do *skate* e o motivo pelo qual os praticantes passaram por preconceito é um dos objetivos deste artigo.

Para que se alcancem esses objetivos, é necessário desenvolver uma metodologia de pesquisa que permita investigar as mensagens por trás dos textos. Dessa forma, a análise de conteúdo (AC) foi aplicada em um recorte de 20 matérias do jornal *Folha de São Paulo*, no período de 1988 a 2021. A metodologia segue principalmente os conceitos de Laurence Bardin, no livro *Análise de conteúdo* (1977), com o intuito de entender a postura do veículo de comunicação em relação ao *skate*, visto que a AC é destinada ao estudo das comunicações, principalmente em textos e falas.

O estudo começa com uma contextualização dos assuntos abordados, para que o leitor tenha uma melhor percepção da análise. Em seu início, uma fundamentação teórica sobre juventude e suas influências socioculturais são abordadas, visto que o *skate* é uma atividade predominantemente juvenil e possui um caráter da juventude em sua prática.

Uma breve contextualização sobre a história do *skate*, desde sua criação, os preconceitos, sua influência nos espaços urbanos, com a criação de associações, construção de mais espaços destinados ao esporte, até a então inclusão nos jogos olímpicos, é abordada nessa primeira parte, assim como a história do jornal *Folha de São Paulo*, um dos principais veículos de comunicação do Brasil. Isso para deixar

claro como é seu viés político e como o jornal influenciou a visão da sociedade do *skate*.

Por fim, uma análise das matérias da *Folha* é apresentada, separada em três tópicos, sendo eles: a visão política do Estado e da sociedade do *skate*, a influência cultural construída dentro dos conceitos do *skate* e, por último, o *skate* como uma prática esportiva e olímpica

2 JUVENTUDES, IDENTIDADES, SKATE, FOLHA DE SÃO PAULO E ANÁLISE CONTEÚDO

2.1 O JOVEM E A IDENTIDADES CULTURAIS

O texto começa pelos argumentos de Bacic Olic (2014), de que a essência do *skate* pode ser comparada com comportamentos de identidades juvenis, e não com um esporte mais tradicional, isso por gerarem conflitos, passando próximos à marginalidade e ao vandalismo. Porém, para entendermos a base dos comportamentos juvenis, precisamos ir mais a fundo nesse conceito.

Segundo Viana (2009), em grande parte dos estudos sobre juventude, o caráter que predomina ao tentarmos entender esse conceito é a concepção biológica e psicológica desse período da vida, porém, o autor ressalta que um amplo número de historiadores, sociólogos, cientistas sociais, entre outros, já veem a juventude como um fenômeno social.

Este grupo etário é constituído em uma sociedade na qual a passagem da infância para a idade adulta é mediada por um período de formação, mais ou menos longo, no qual algumas instituições serão fundamentais, especialmente a escola (VIANA, 2009, p. 147).

Tomaz, Rocha e Fernandes (2017) ressaltam os pensamentos de Bourdieu (1983), de que as divisões entre faixas etárias, como crianças, adolescentes, jovens e adultos, não seguem um princípio lógico, nem dependem de regras e normas, mas fundam-se em cada sociedade e cultura em que as pessoas vivem.

Uma discussão de ampla abrangência nos últimos tempos traz reflexões sobre a diferença de idade biológica para idade social: “falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotados de interesses comuns, e

relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (BOURDIEU, 1983, p. 112 *apud* TOMAZ; ROCHA; FERNANDES, 2017, p. 5).

Conforme Conde (1990), a fase dos 15 aos 29 anos de idade abrange uma pluralidade de sistemas e valores juvenis, porém é um exagero aplicar conceitos da juventude somente para esse estágio da vida, sendo que antes ou após esse período podem-se permanecer valores e estilos de vida juvenis.

Por juventude tem-se entendido o processo e a condição social de transição que decorre entre o final da adolescência e o acesso à condição adulta, adquirida com a autonomização em relação à família de origem, nomeadamente pela entrada na vida ativa e conjugal (CONDE, 1990, p. 676).

Na mesma linha de pensamento, Conde (1990) traz o ponto em que Bourdieu (1983) enfatiza a juventude como apenas uma palavra, e, ao contrário do que as divisões arbitrárias entre idades estabelecem, são as sociedades, com culturas distintas, que vão delimitar cada fase da vida, não sendo possível obter uma definição exata. “Uma identidade que, como se disse, pode permanecer de forma durável mesmo naqueles que parecem ter entrado no mundo dos adultos” (CONDE, 1990, p. 676).

Em meio aos termos citados sobre como a juventude é realmente formulada pelos processos socioculturais, é preciso que façamos uma análise sobre as identidades juvenis. Viana (2009, p. 147) caracteriza a identidade juvenil como “um grupo etário composto por jovens”, e esse grupo está em processo de socialização secundária. O autor ressalta que a socialização primária acontece com o ser durante sua infância, em grupos como a família, escola e convívios sociais. Já a ressocialização ou socialização secundária se caracteriza na idade pós-adolescência, na qual recebem-se treinamentos para o mercado de trabalho, com objetivos profissionalizantes, ou mesmo instruções para a vida adulta, como casamento e vida política, entre outras, mesmo que essas instruções possam mudar de acordo com classes sociais, culturas, etnias, etc. O conceito da ressocialização é o mesmo.

“O elemento mais forte para a formação da identidade da juventude é a experiência social dos jovens, que encontram milhares de exemplos que seguem o

modelo proposto pelo mundo adulto, e isto produz um sentimento de pertencimento” (VIANA, 2009, p. 153).

Viana (2009) ressalta a ideia de Jacques (1998), que cita a identidade como uma imagem criada por certo grupo social. A diferenciação de uma identidade para a outra se forma através do tempo, com as vivências, experiências e relações sociais que um indivíduo enfrenta. “O próprio processo de experiência, reflexão e observação é social, pois um indivíduo não observa tudo que o cerca ou acontece, mas somente o que ele seleciona de acordo com seus valores, que são constituídos socialmente” (VIANA, 2009, p. 146).

Como dito anteriormente, para Viana (2009), essa imagem do jovem é estipulada pelo adulto, que estabelece critérios de acordo com sua vivência, e não com a do jovem. Os adultos ainda impõem a posição social desses jovens. Para conquistarem seu lugar de autonomia dentro da sociedade, “o jovem é oprimido e controlado em várias instituições (família, escola, etc.)” (VIANA, 2009, p. 149).

Em suma, Conde (1990) afirma que os jovens negam a atribuição juvenil que os adultos lhes estabelecem, pois essa imagem traz consigo um caráter de irresponsabilidade e indisciplina. Sendo assim, a própria juventude denomina um “estilo” de autoimagem para si, pois o jovem é transitório, não sendo criança, tampouco adulto, embora exista uma cultura do mundo adulto sobre essa geração.

Seguindo de perto as observações de Viana (2009), quando o jovem estabelece uma meta de se tornar um adulto modelo ideal, acaba por se colocar no lugar de um ser incompleto, sendo que o padrão que procura talvez nem seja o ideal.

Todavia, o mais relevante é ter-se detectado a manifesta disponibilidade dos jovens para aceitarem a sua proximidade com as outras gerações em domínios básicos da existência social. Há pois traços do estatuto de adulto que positiva e antecipadamente são incorporados no perfil juvenil (CONDE, 1990, p. 684).

O autor menciona que essa imagem, ou identidade que o ser adulto estabelece do jovem, é a mesma veiculada nos meios de comunicação, e esse fator ajuda na criação de um padrão de imagem para a juventude. São os meios de comunicação de massa que criam um mercado de publicidade para os jovens, vendendo produtos como roupas e acessórios, que cada grupo social consome

mediante as tendências de certa época. Isso forma uma imagem “modelo” da juventude.

O autor coloca em ponto que a pressão social pode criar essa autoimagem, mas um montante das pessoas que fazem parte da juventude contesta essa mesma pressão externa, fundando jovens mais rebeldes e irreverentes. Isso pode colocar a juventude em uma área de marginalidade. “A marginalidade é o aspecto visível de uma sobreposição social, que para se tornar visível pela normalidade, não deixa de existir no seio desta normalidade” (BARE, p. 46 *apud* CONDE, 1990, p. 687).

2.2 SKATE: ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES

Com nascimento em território americano, o *skate* começou a ser difundido na Califórnia, uma variação do surf em épocas de seca que proporcionou que os surfistas levassem o esporte para fora das águas. Com o tempo, suas características foram se afastando do já conhecido surf. De acordo com Brandão (2014), o *skate* veio para o Brasil no final da década de 1960, ganhando popularidade com o tempo até ter mais reconhecimento na metade da década de 1970.

Honorato (2004) comenta que, assim como no exterior, o *skate* aqui no Brasil era uma variação do *surf*, tendo sua prática nomeada como “surfinho”. Foi tomado conhecimento do *skate* através de revistas famosas da época, porém, ainda não era bem desenvolvido, com rodas de ferro ou borracha, pregadas em uma madeira qualquer. Os rumores são de que havia mais adeptos da nova prática no Rio de Janeiro, na Urca.

Em princípio, segundo Bacic Olic (2014), os esportes que existiam e surgiram antes da metade do século XX refletiam a sociedade e o comportamento dos indivíduos daquela mesma época, visto que se baseavam em caráter de meritocracia, com a competição em primeiro lugar, pautados em princípios técnicos e disciplinares. Sendo assim, o surgimento dos esportes radicais na segunda metade do século veio junto a mudanças que estavam acontecendo continuamente na sociedade. “Segundo Christian Pociello (1995), desde o início estas novas práticas corporais se desenvolveram relacionadas a uma cultura adolescente voltada à transgressão das regras tradicionais” (BACIC OLIC, 2014, p. 78).

Bacic Olic (2014) ainda menciona que, com essas mudanças em meio à sociedade, o *skate* se encaixou no modo de vida dos jovens, que se apropriaram da

prática, e dentro dela começaram a criar novas sensações e modos de vida. Com o passar do tempo, as ruas das cidades, que para uns eram apenas locais de passagem, para os olhos dos skatistas já havia tomado outros sentidos.

Conforme Honorato (2004), o surgimento dessas práticas, denominadas de esportes radicais, na segunda metade do século, está ligado diretamente às mudanças que ocorriam na sociedade. Honorato (1992) traz os pensamentos de Norbert Elias, que denomina essas transformações sociais como “processo civilizador”, ressaltando que esse mesmo processo é de longo prazo e envolve relações sociais, assim como modos de vida.

Essas mudanças desenvolvem-se na direção de um maior controle e autocontrole, por isso mesmo criam-se e recriam-se novas práticas sociais, como a atividade Skate que está associada ao lúdico, ao prazer, ao devaneio, ao risco e a aventura, para tentar preencher alguns espaços vazios e proporcionar intensas emoções prazerosas num determinado período histórico (HONORATO, 2004, p. 2).

Bacic Olic (2014), afirma que, em seu princípio, antes da década de 1970, o *skate* era visto com uma brincadeira, sem objetivos de realizar manobras ou pular obstáculos. Viver profissionalmente do *skate*, então, estava longe. O *skate* não era visto com uma “prática corporal esportiva” (MACHADO, 2012, p. 19 *apud* BACIC OLIC, 2014, p. 77).

A partir de 1970, o *skate* começou a se desenvolver de maneira extraordinária. Honorato (2004), com informações da revista *Tribo Skate* (1999), relata que um dos primeiros grandes campeonatos foi realizado em 1975, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse primeiro momento, o *skate* era mais performático, como uma grande apresentação artística, não existiam ainda grandes manobras técnicas. “Ao organizarem uma competição oficial, na qual também, se propôs classificar os competidores, estabeleceram uma diferenciação entre a natureza da prática Skate até então realizada” (HONORATO, 2004, p. 3). Talvez aí, pode-se ver o início de uma esportivização no meio do *skate*.

O autor segue com o pensamento do processo de esportivização do *skate*. Como no ano seguinte, 1976, em que foi realizado o primeiro campeonato de nível nacional, sediado também no Rio de Janeiro. Na ocasião, foram inscritos 34 participantes. Ainda conforme Honorato (2004), a primeira pista construída na América Latina foi inaugurada em dezembro de 1976, na cidade de Nova Iguaçu, no

Rio de Janeiro. A pista era um *bowl* (formato que imita piscinas), e isso proporcionou uma mudança no modo de o *skate* ser praticado.

Segundo Bacic Olic (2014), são as pistas que oferecem um desenvolvimento técnico e aprimoramento das habilidades no *skate*. Pode-se dizer, assim, que são as pistas que trazem uma esportivização, a partir do momento que podem oferecer a adrenalina e experiências antes desfrutadas em outros lugares, agora em um local destinado exclusivamente para a prática do *skate*.

Em concordância, Honorato (2004) pontua que as regras esportivas são consideradas códigos e normas determinados em certo período e espaço. Elas são constituídas de indivíduo para indivíduo e ditam tipos de comportamentos a serem seguidos.

A construção da primeira pista de skate da América Latina, os primeiros campeonatos, as instruções de como julgar uma competição, as manobras, a evolução dos equipamentos, a divisão de categorias (sênior e júnior) e o novo estilo (vertical), ilustram ações iniciais da esportivização da modalidade Skate no sentido de constituir e instituir regras e condutas racionais e especializadas (HONORATO, 2004, p. 4).

O autor conclui os anos 70, relatando que, após o surgimento de cada vez mais pistas, o *skate* tomou proporções maiores, despertando interesse dos meios de comunicação, daí surgiram revistas, canais de TV e mais lojas. Com isso, a quantidade de skatistas na época subiu, resultando em uma evolução na parte dos equipamentos, como rodas, eixos, *shapes* etc.

Em termos de sociedade, Bacic Olic (2014), em conformidade com Abramo, aponta que, na passagem para os anos 80, houve uma crescente expansão das manifestações culturais. Os espaços públicos foram tomados por jovens com estilos de vida diferenciados, isso tudo na “forma de se vestir, falar e comportar-se” (ABRAMO, 1996 *apud* BACIC OLIC, 2014, p. 79).

Porém, apesar do avanço nas manifestações culturais, Honorato (2004) relata, em contrapartida, que, no início da década de 80, o desenvolvimento esportivo no *skate* começou a diminuir, com pistas sendo fechadas, diminuição do mercado e dos praticantes. Com esse fechamento de pistas, os skatistas migraram para locais não destinados apenas para a prática do esporte, como ruas e praças. Nota-se, aí, um começo da modalidade street *skate*, que veio para revolucionar o *skate* naquela década.

Segundo Brandão (2014), o *street skate* ou *skate* de rua trouxe para a modalidade uma forma de reinterpretar os espaços urbanos, pois consiste no uso de guias, corrimões, bancos de propriedades públicas e privadas, para a realização de manobras. Ainda conforme Brandão (2014), essa categoria do *skate* choca e chocou a população, e aí está a mais pura essência do *skate*. “O skate de rua, neste sentido, manifestava-se de maneira informal e não através da formalidade esportiva (cronômetros, juízes, equipes etc)” (BRANDÃO, 2014, p. 302).

A emergência da modalidade street, caracterizada pela apropriação criativa e desterritorializadora do mobiliário urbano, se transformou no símbolo de uma essência skatista que em sua gênese se contrapôs à lógica da “esportificação”. Ou seja, ao invés de pacificar a esfera pública por meio de sua prática esportiva, o skate passou a se afirmar na cena urbano juvenil através da produção de conflitos, resultantes da forma alternativa com o qual passaram a “fazer cidade” (BACIC OLIC, 2014, p. 79-80).

Para Honorato (2004), esse vínculo do *skate* com a rua nos anos 80 propiciou que o esporte se conectasse com outro movimento de rua, o *punk rock*. Bacic Olic (2014) traz os argumentos de Leonardo Brandão (2011), de que a aproximação do *skate* com o *punk* veio por dois fatores. Primeiramente, a indústria cultural viu na estética *punk* uma maneira de vender seus produtos, e, além disso, o anarquismo pregado na comunidade *punk* refletiu na prática de uma parte dos skatistas de *street*, pela apropriação cultural de locais urbanos. “Neste sentido, a essência skatista passou a ser construída não como uma prática corporal esportiva, e sim como uma prática mais relacionada ao comportamento juvenil” (BACIC OLIC, 2014, p. 80).

No final da década de 80, uma grande barreira foi colocada frente aos skatistas, com a proibição da sua prática na cidade de São Paulo, pelo então governante Jânio Quadros. Brandão (2014) aponta que a sede da Prefeitura ficava em frente a um local muito utilizado pelos praticantes, fato que nada agradava Jânio, que, em maio de 1988, proibiu o uso do *skate* na praça do Ibirapuera. Em junho do mesmo ano, os skatistas descontentes com a decisão se reuniram com cerca de 200 participantes e fizeram um protesto, pedindo a revogação da lei e a construção de uma pista no mesmo local. “Essa passeata trouxe um efeito inverso ao esperado pelos seus organizadores. [...] além do então prefeito manter a proibição do skate no Parque do Ibirapuera, ele também ordenou que a prática fosse proibida por todas as

ruas da cidade de São Paulo” (REVISTA OVERALL, 1988, p. 68 *apud* BRANDÃO, 2014, p. 306).

Conforme Bacic Olic (2014), apenas no ano seguinte, em 1989, com a posse da então nova prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, que a lei de proibição do *skate* por toda a cidade foi revogada.

Chegando à última década do século XX, nos anos 90, o *skate*, assim como a sociedade, estava em transformação. Com os altos e baixos no esporte, como aponta Bacic Olic (2014), o número de skatistas em atividade havia diminuído muito, e os que restaram passaram a mudar a visão e a prática do *skate*. De acordo com Honorato (2004), uma nova geração de skatistas passou a surgir, com um pensamento de inovar, e não se inspirar em nada que era do passado. As novas inspirações eram os próprios skatistas, e os vídeos de *skate* da época “queriam revolucionar o esporte” (HONORATO, 2004, p.10-11).

Para Bacic Olic (2014), essa nova geração apresentou um novo tipo de comportamento juvenil. Nesse mesmo período, o rap foi introduzido em meio à cultura do *skate*. Isso levou a uma nova estética para os praticantes, tanto pelas roupas largas, conhecidas como “*streetwear*”, quanto pelo modo mais técnico de andar de *skate*. O autor ainda enfatiza que, no final da década e passagem para o próximo século, foi criada a Confederação Brasileira de Skate (CBSK), que possibilitou uma melhor organização da modalidade esportiva. Segundo Honorato (2004), foi nesse mesmo período que a profissionalização dos skatistas foi conquistada, com salários dignos de uma estabilidade financeira, e atletas vivendo somente do *skate*.

Neste contexto, portanto, o skate passou a conquistar, tanto no Brasil como fora do país, uma crescente visibilidade em diversos campos da vida social. O skate passou a influenciar campos com que tradicionalmente já mantinha um vínculo, como as áreas relacionadas ao comportamento juvenil e aos esportes de ação, mas também passou cada vez mais estar presente em novas áreas, como a arte, arquitetura, urbanismo e políticas públicas. Programas esportivos e voltados ao entretenimento do público jovem passaram também a dar visibilidade ao skate. [...] Logo, pode-se dizer que o skate na virada do século atingiu sua “maturidade” (BACIC OLIC, 2014, p. 84).

De acordo com a última pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha (2015), sobre quantos skatistas existem no Brasil, o resultado foi de aproximadamente 8.449.980 (oito milhões quatrocentos e quarenta e nove mil novecentos e oitenta)

peessoas que praticam o esporte. Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada em 2015, anos antes de o *skate* ter se tornado uma modalidade olímpica. Há de se imaginar que esse número só aumentou nos últimos anos.

2.3 A FOLHA DE SÃO PAULO

O Grupo Folha é uma empresa especializada em veículos de comunicação. Conforme a Folha ([s.d.]b), a companhia é proprietária do jornal *Folha de São Paulo*, do site de notícias *Folha de São Paulo* (folha.com) e empresa fundadora do Datafolha, uns dos principais instituto de pesquisa do Brasil. Também controla também o Folhapress e o Centro Tecnológico Gráfico-Folha (CTG-F).

A *Folha de São Paulo* é um dos jornais mais influentes do país nos últimos 37 anos e o de maior circulação paga. Moreira (2006) ainda relata que, conforme informações do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) em dezembro de 2005, a circulação do jornal *Folha de São Paulo* “foi de 345.837 exemplares aos domingos e de 288.629 exemplares nos dias úteis” (MOREIRA, 2006, p. 83).

A Folha divulga em seu site grande parte da história empresarial e como foi fundado um dos maiores veículos de comunicação e de influência nacional do Brasil. A trajetória da Folha se iniciou em 1921, na cidade de São Paulo. Seus fundadores foram Olival Costa e Pedro Cunha, que primeiramente começaram com um jornal chamado *Folha da Noite*, com viés principal para as deficiências da sociedade pública. Apenas em 1925 foi criado o *Folha da Manhã*, uma versão matutina do anterior.

Segundo informações do site da Folha ([s.d.]a), na década seguinte, em 1931, o nome da empresa mudou para Folha da Manhã, e sua distribuição diária mudou de 15 mil, para 80 mil. Já em 1945, a empresa passa para José Nabantino Ramos. Ainda conforme a Folha, a imparcialidade é colocada em pauta como a principal política redacional. Na mesma década (1949), a Folha amplia seus horizontes, e é lançado o *Folha da Tarde*.

De acordo com a Folha, em suas páginas sempre foram dados destaques para assuntos culturais que aconteciam na época, mas somente em 1958 foi dado um espaço apenas para o tema, com o caderno sobre cultura e variedade, que chamou grande atenção.

Já na virada da década, em 1960, foi o grande estopim da Folha como conhecemos hoje. Os três jornais do grupo, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite* se juntam, dando formação à *Folha de São Paulo*. Na mesma década, em 1962, “os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho (1913-1993) assumem o controle acionário da Empresa Folha da Manhã” (FOLHA DE SÃO PAULO, [s.d.]a). Ainda em 1967, o grupo começa sua evolução em questão tecnológica, com máquinas de impressão em larga escala. No mesmo ano, o *Folha da Tarde* volta a circular nas bancas.

Em meio à ditadura militar, Moreira (2006) traz os argumentos de Ribeiro (1994), que citam que, nas décadas de 60 e 70, a Folha estava focada no crescimento empresarial e financeiro, sendo assim, em suas linhas editoriais pouco se via em questão de matérias sobre o cenário político e público da época. Ao contrário de outros veículos de comunicação, a Folha manteve uma posição neutra, ou até insignificante sobre a censura oficial. “A Folha simplesmente não enfrentou a censura, não moveu nenhuma oposição e não se dispôs a assumir papel político” (RIBEIRO, 1994, p. 63 *apud* MOREIRA, 2006, p. 87).

Contudo, Moreira (2006) expõe o lado do jornal *Folha*, que informou o fato de ter criado a seção “Tendências/Debates”, afirmando ter tido um papel importante na redemocratização do Brasil. Esse local em meio às páginas do jornal tinha como objetivo a pluralidade. “A Folha continua tendo algumas das características que a fizeram destacar-se no cenário político nacional, pela coragem, ousadia e defesa dos princípios da democracia”, encerra” (SILVA, 2021).

Segundo a Folha, já no início de 1980, o grupo ganhou grande destaque entre todos os jornais do país, assumindo-se como o jornal de maior circulação diária. No ano seguinte, 1981, surge um dos primeiros modelos de projeto editorial da empresa, com foco em algumas metas, como informação correta, interpretação competente e pluralidade de opiniões. Logo após esse período, era notável o progresso da Folha, tanto em conhecimento quanto em investimento próprio. No ano de 1983, ela se tornou a primeira redação da América do Sul que continha computadores para redação e edição de textos. No mesmo ano, o Datafolha foi criado, “instituto de pesquisa de opinião pública e de mercado, que faz levantamento de temas de interesse dos leitores e fornece informações à produção editorial” (FOLHA DE SÃO PAULO, [s.d.]a).

De acordo com a empresa, em 1985, um novo projeto editorial foi instaurado. Este se baseava em autocrítica, em ser apartidário, moderno e pluralista, um jornalismo de serviço. Conforme Silva (2021), “Ele é o único jornal brasileiro a ter a instituição do ombudsman”, um cargo direcionado ao representante das opiniões dos leitores dentro do veículo de comunicação, analisando as críticas internas e postando em suas colunas semanais. “O ombudsman, na minha opinião, é uma das melhores formas de o jornal exercer o autocontrole e permitir que os leitores tenham uma participação mais intensa na sua vida”, salienta Silva (2021).

Indo para a década dos anos 90, o Grupo Folha permanecia em alta em meio à sociedade. Em 1991, foi o primeiro veículo de comunicação a pedir o *impeachment* do presidente Fernando Collor, que, no ano seguinte, abandonou seu cargo. No ano seguinte, 1992, Octavio Frias assumiu a empresa sozinho, tendo totalidade no controle acionário. A tecnologia ajudou muito nesse período. Conforme a Folha, em 1993, já era possível armazenar todos os textos produzidos anteriormente. As vendas aumentavam cada vez mais. “A Folha tem uma circulação média de 420 mil exemplares diários e mais de 700 mil aos domingos, a maior circulação do país” (FOLHA DE SÃO PAULO, [s.d.]a).

Em abril de 1996, a Folha solta o *Universo Online*. Em conformidade com o que relata, todos que tivessem um computador com internet, poderiam acessar o conteúdo, de forma gratuita. Se tornava assim a primeira a ter esse tipo de serviço. Contudo, em setembro do mesmo ano, a Folha une o *Universo Online* com o *Brasil Online* (Grupo Abril), formando assim o Universo Online S.A.

A década de 90 foi cheia de conquistas para o Grupo Folha. Já quase na virada do século, a empresa só cresce. O jornal *Folha da Tarde* passa a ser substituído pelo *Agora*, que tem como público-alvo o trabalhador paulistano. Um crescimento vertical em todas as áreas, visto que, assim como no impresso, o *Universo Online* já poderia ser comparado a sites estrangeiros, como o da CNN.

Em 2000, o Datafolha realizou uma pesquisa com 2.267 pessoas, que salientava qual era o perfil do leitor da *Folha de São Paulo*. Segundo a *Folha*, em sua maioria, os leitores teriam entre 30 e 49 anos, e uma classe social alta em questão de renda e escolaridade, tendo acesso a TV por assinatura e à internet.

Em 2021, a *Folha* completou 100 anos de existência. Seu atual proprietário é Luiz Frias, filho de Octavio Frias. Em 2017, foi estruturado um novo projeto editorial, que consiste em 12 princípios³ jornalísticos a serem seguidos pela empresa.

2.4 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Cabe em primeira instância trazer os conceitos de uma das principais pensadoras sobre a análise de conteúdo (AC), Laurence Bardin (1977), que descreve o método de pesquisa como uma soma de técnicas para a análise das comunicações, principalmente em textos e falas, através de processos objetivos e de detalhamentos dos conteúdos presentes nas mensagens, conteúdos que podem ser quantitativos ou qualitativos, com o intuito de se obter um maior conhecimento e dedução do que está por trás das mensagens e as condições do decodificador e do receptor.

Oliveira (2008) traz os pensamentos de Moscovici (2003), que mencionam que tudo que faz parte da escrita e da fala pode ser submetido à análise de conteúdo. Oliveira ainda ressalta que, com essa análise, é possível obter uma melhor compreensão dos valores escondidos em conteúdos de comunicações,

³ “1. Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la;

2. Jornalismo com resumo criterioso e atualizado, com ênfase na obtenção de informações exclusivas;

3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público;

4. Promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes;

5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados;

6. Cultivar a pluralidade, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia; registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa;

7. Obrigar-se a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório;

8. Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão;

9. Preservar o vigor financeiro da empresa como esteio da independência editorial e garantir que a produção jornalística tenha autonomia em relação a interesses de anunciantes; assegurar, na publicação, características que permitam discernir entre conteúdo jornalístico e publicitário;

10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo;

11. Rechaçar censura e outras agressões à liberdade de expressão, reconhecendo, no caso de abuso comprovado dessa liberdade, a responsabilização posterior dos autores, nos termos da lei;

12. Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção” (FOLHA, 2021).

também é possível analisar os valores políticos expressos nos textos, as moralidades de cada época, as representações sociais, entre outras tantas possibilidades de investigação com esse tipo de pesquisa.

Em conformidade com os pensamentos dos outros autores, Moraes (1999) também coloca em pauta suas concepções sobre a análise de conteúdo. Para ele, os métodos da análise são utilizados para interpretar os conteúdos de qualquer tipo de documentos e textos. Através de levantamento de dados sistemáticos, qualitativos ou quantitativos, esse método torna a leitura mais complexa, fugindo do comum. “Em qualquer de suas abordagens fornece informações complementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja ele lingüista, psicólogo, sociólogo, educador, crítico literário, historiador ou outro” (MORAES, 1999, p. 2).

Bardin (1977) discute sobre a leitura mais atenta e o enriquecimento dela, ressaltando que, a partir daí, os métodos de análise partem de dois objetivos. Primeiramente, a ultrapassagem das incertezas: o que a leitura básica proporcionará é realmente o que está nas entrelinhas do texto? Em um segundo momento, cabe o enriquecimento da leitura: uma leitura atenta favorece o entendimento dos propósitos da mensagem.

A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p. 14).

De acordo com Moraes (1999), o pesquisador está submetido a uma leitura subjetiva dos materiais coletados. Uma leitura que será interpretada de acordo com as percepções do pesquisador sobre os dados, sem a possibilidade de uma leitura neutra, será constituída em suas próprias interpretações. “Por abordar a subjetividade do sujeito, a pesquisa qualitativa, em alguns momentos, pode permitir que a análise do observador esteja impregnada de seus pré-conceitos, o que acaba por refletir no objeto estudado” (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p. 16).

Porém, Oliveira (2008) ressalta que toda a concepção sobre o assunto que o pesquisador já tenha deve ser eliminada, levando em consideração apenas o que o conteúdo expressa, e não o que o leitor crê saber sobre ele.

Segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), a análise de conteúdo é composta pelas etapas de pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos ou interpretação. Em concordância, Oliveira (2008) discorre sobre cada uma das etapas. Para ele, na etapa de pré-análise são escolhidos os documentos de análise, assim como a formulação das hipóteses e objetivos de pesquisa. Já na etapa de exploração ou codificação do material, os materiais brutos são estudados e separados em unidades e categorias, permitindo uma descrição dos conteúdos existentes. Por fim, o tratamento dos resultados ou interpretação, etapa em que é feita a inferência das informações, permite apresentar os dados expressos por trás da mensagem.

Em termos de análise qualitativa e quantitativa, Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) salientam que, como já dito anteriormente, a análise de conteúdo utiliza de organização e análise de dados coletados em determinados textos. Com isso, na pesquisa qualitativa as análises têm foco nos significados, vivências e percepções da mensagem e do sujeito que as transmite. Através disso, é possível entender as relações sociais e as construções humanas. Já na pesquisa quantitativa, a abordagem, segundo os autores, é mais voltada às questões matemáticas.

Para Moraes (1999), a pesquisa quantitativa é construída com uso de tabelas e quadros, calculando percentuais e frequências de tipos de mensagem. Já na análise qualitativa, serão expostos os significados por trás das mensagens, sendo utilizados textos com citações diretas dos dados pesquisados.

Em termos de aplicação da análise de conteúdo, é necessário falar sobre as técnicas utilizadas para realizá-la. Conforme Bardin (1977), as técnicas são utilizadas para fazer uma análise das comunicações, que abrange uma amplitude de conteúdos. A análise de conteúdo em si é apenas uma, porém as formas de efetuar-la são abrangentes e adaptáveis. “Esta técnica, ou melhor, estas técnicas, implicam um trabalho exaustivo com as suas divisões, cálculos e aperfeiçoamentos incessantes do métier” (BARDIN, 1977, p. 28).

Oliveira (2008, p. 571) discorre sobre algumas dessas técnicas de aplicação na análise de conteúdo: “análise temática ou categorial, análise de avaliação ou representacional, análise da enunciação, análise da expressão, análise das relações ou associações, análise do discurso, análise léxica ou sintática, [...] dentre outras”. Para o autor, cada uma das técnicas citadas irá conduzir a um tipo de resultado diferente e, também, detalhar elementos distintos no texto.

Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) dizem que, para ser feita a escolha da técnica exata, deve-se ter em mente a pergunta ou o problema de pesquisa formulado, junto ao conhecimento que se pretende alcançar com o objeto estudado. Ainda conforme os autores, outro ponto extremamente importante no momento da pesquisa é a sistematização.

Conforme Moraes (1999), as técnicas mudam de acordo com os objetivos propostos, e o entendimento ou inferências do material estudado também dependem dessas técnicas e objetivos.

De acordo com Moraes (1999), o material utilizado para uma análise de conteúdo pode ser qualquer material de comunicação, verbal ou não verbal, como revistas, jornais, livros, filmes, fotografias, vídeo, entre outros. Esses conteúdos chegam de forma bruta para o pesquisador, que precisará processá-los de maneira a facilitar o entendimento e a inferência. “Tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (HENRY; MOSCOVICI, 1908 *apud* BARDIN, 1977, p. 32).

Bardin (1977) salienta que a análise de conteúdo em funções de categorias se baseia em uma análise de classificação, perante a frequência que determinado item de sentido aparece no texto. Oliveira (2008) aponta que a construção dessas categorias deve se basear em uma classificação dos elementos presentes em um grupo das mensagens, determinando a diferença entre eles e reagrupando-os, segundo um conjunto de critérios.

Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), em concordância com Minayo (2007), relatam que a categorização seria uma redução do texto para se obter expressões realmente significativas. A mensagem é tratada com recortes de unidade de registro, constituídos de palavras, frases, temas, personagens, entre outros que sejam relevantes para os objetivos que o analista pretende alcançar. A partir disso, começam as leituras e as interpretações ou inferências dos conteúdos.

De acordo com Moraes (1999), há diversas maneiras de se categorizar os elementos de um texto. Essas categorias são definidas perante a semelhança dos itens e são elaboradas por critérios previamente estabelecidos no decorrer da análise de conteúdo. Os critérios de definição das categorias podem ser semânticos, sintáticos ou léxicos, porém, cada grupo de categorias deve se basear em apenas um desses. Além disso, “Um mesmo dado não pode ser incluído em mais de uma

categoria, ou seja, cada elemento ou unidade de conteúdo não pode fazer parte de mais de uma divisão” (MORAES, 1999, p. 8).

Sobre inferência, Bardin (1977) acentua que o principal foco da análise de conteúdo não é descrever os textos ou falas em si, mas o principal objetivo são os ensinamentos por trás deles, que podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica e econômica. Com isso, torna-se possível adquirir deduções lógicas e justificadas, sobre a mensagem, seu emissor, seu contexto e até mesmo os efeitos resultantes da mensagem. Sobre inferência, Oliveira (2008) expõe:

Operação lógica através da qual admite-se uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras. A intenção maior da AC é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção de uma mensagem, inferência esta que recorre a indicadores relativos ao texto (OLIVEIRA, 2008, p. 571).

Conforme Moraes (1999), é necessário ser feita uma leitura mais aprofundada para se obter a inferência e a interpretação. Para o autor, o analista de conteúdo deve exercitar com profundidade essa interpretação, seja com fundamentações teóricas definidas anteriormente ou com teorias retiradas do próprio material, visto que esses fatores são indispensáveis no momento de uma análise de conteúdo, principalmente em análises qualitativas. “Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem” (MORAES, 1999, p. 3).

3 “DAS RUAS PARA O OLIMPO”: O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO SKATE COMO ESPORTE PELA FOLHA DE SÃO PAULO (1985-2022)

3.1 SKATE E SKATISTAS: A LUTA PELO USO DO ESPAÇO URBANO

O *skate*, como dito anteriormente, é uma prática que nasceu e se estruturou em meio às ruas e, como qualquer cultura urbana, causou um incômodo na sociedade mais tradicionalista. A contracultura teve grande influência sobre todas as modalidades do *skate*, e Thomé (2016) enfatiza que o termo “contracultura” passou a ser utilizado pela população para se referir a todo e qualquer tipo de expressão de revolta ao tradicional.

Desde a modalidade *street*, na qual, como o próprio nome já diz, os skatistas utilizam da arquitetura da cidade para realizar suas manobras, até a modalidade *downhill slide*, que se baseia em descer ruas íngremes ou ladeiras derrapando o *skate* de um lado para o outro. Ou seja, ambas as modalidades ou até outras, como o *bowl*, o vertical, o *freestyle* etc., podem causar certo descontentamento na população.

Esse é o caso de um local na cidade de São Paulo, SP, em 2012, onde skatistas utilizavam uma ladeira localizada na área do Sumaré, bairro nobre na região oeste da cidade. Por lá, os praticantes do esporte eram da modalidade *downhill* e, com o *skate*, desciam a rua íngreme praticando manobras como *slides* e outras. Isso resultou na população do bairro revoltada com o barulho das rodinhas no asfalto, que ia até tarde da noite.

Agora, porém, a história do esporte pode estar com os dias contados por ali. A Subprefeitura da Lapa decidiu colocar paralelepípedos na rua - medida que deve afastar definitivamente os skatistas. A ideia não chega a ser uma novidade. Em 2007, na praça Horácio Sabino, no Sumaré, a prefeitura lançou mão da mesma medida (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012).

Figura 1: Paralelepípedos nas ruas de São Paulo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012).



Atos como esse são registrados desde o surgimento do *skate*, principalmente em cidades grandes como São Paulo, onde há conflito entre skatistas e população, que, insatisfeita com a maneira daqueles agirem, faz denúncias e reclamações. Em

1988, uma lei estabelecida pelo governo de Jânio Quadros proibiu qualquer skatista e ciclista de praticar os esportes nas imediações do Parque Ibirapuera (Zona Sul de São Paulo), o que gerou grande revolta dos skatistas.

Jânio Quadros, na época, era o então prefeito da cidade de São Paulo. Ele estava no cargo pela segunda vez. De acordo com o *site* GOV.BR ([s.d.]), Jânio foi prefeito de São Paulo pela primeira vez nos anos de 1953 a 1954 e, após esse período, foi eleito governador do estado de São Paulo de 1955 a 1959. Já no ano de 1960, Jânio Quadros foi eleito o primeiro presidente do Brasil após a inauguração de Brasília, porém, logo no ano seguinte, “em 31 de janeiro de 1961, renunciou ao cargo sete meses depois, abrindo uma grave crise política no país” (GOV.BR, [s.d.]). Após esse período e o de Ditadura Militar no Brasil, no ano de 1986, Jânio se elegeu novamente como prefeito de São Paulo, ficando no cargo até 1988, quando perdeu o posto para Luiza Erundina em 1989.

A partir de hoje, ninguém mais passa pelos portões do parque Ibirapuera (zona sul de São Paulo) pedalando uma bicicleta ou deslizando sobre um skate. A proibição é do prefeito Jânio Quadros que considera ambos uma “séria ameaça contra adultos, senhoras e sobretudo, crianças, cujo abuso é impossível corrigir”. A única medida de correção encontrada pelo prefeito para tal “ameaça” veio impressa em caráter “urgentíssimo” no “Diário Oficial” de ontem em memorando que proíbe “irrevogavelmente o skate e o uso de bicicletas no parque Ibirapuera” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).

Tendo em vista que a contracultura inserida no *skate* transgrediu os parâmetros do que a sociedade via como correto, no texto, Jânio Quadros descreveu sua prática como uma “ameaça”. Sem um lugar propício para treinar, os skatistas andavam e se apropriavam dos espaços públicos, como meios-fios e canteiros do parque, causando certa revolta na população que visitava o local nos finais de semana. “O administrador do parque, José Joaquim de Calazans, 60, acha que a decisão é fruto de denúncias de acidentes e atropelamentos feitas diretamente ao prefeito, já que ele mesmo não tem conhecimento do registro de ocorrências” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).

Figura 2: Passeata dos skatistas contra a proibição do skate (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).



Na figura acima, uma passeata para reivindicar um espaço público para os skatistas na cidade de São Paulo e o pedido de reconsideração, por parte do prefeito, da proibição do uso do *skate* no Parque do Ibirapuera, uma vez que, na época, as únicas pistas existentes eram privadas.

Os adeptos do skate têm enfrentado dificuldades para treinar desde que o prefeito decidiu proibir a entrada dos skatistas no parque, no dia 19 de maio. “A gente fica andando na rua entre os carros, correndo inclusive perigo de vida. Se o Jânio não quiser que a gente ande no Ibirapuera, que pelo menos isole uma área pública para a gente treinar”, reclamou Leni, 20, esperando que o prefeito não ignorasse os apelos dos manifestantes (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).

“A cidade de São Paulo tem carência total de pistas públicas para a prática do skate, o que não ocorre em diversas cidades do interior do Estado” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988). A matéria mostra a falta de espaço destinado aos skatistas por parte da Prefeitura, deixando os praticantes revoltados, por precisarem pagar, na época, Cz\$ 300 para treinar.

O prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, 71, irritado com a passeata promovida anteontem por praticantes de skate contra a proibição de seu uso nos fins-de-semana no parque do Ibirapuera (na zona sul), decidiu proibir que os skatistas circulem por todas as ruas da cidade. Em memorando ao secretário municipal dos Transportes, coronel reformado da PM Geraldo Penteado, Jânio solicita “deter e levar ao Juizado de Menores todos aqueles que praticarem esse ‘esporte’, no leito das ruas e logradouros públicos” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).

Isso mostra o que o *skate* sempre teve uma essência de transgredir as barreiras impostas pela sociedade. A partir do momento em que as lutas pela prática do esporte começaram a aumentar, o prefeito Jânio Quadros, que ficou incomodado com os atos de protesto, deixou a lei mais firme, passando do Ibirapuera para toda a cidade de São Paulo.

Segundo a matéria da *Folha*, Jânio traz, nas linhas de um despacho, que o *skate* se trata de uma “brincadeira”. Nota-se que o então prefeito não olhava para a modalidade como um esporte digno de merecimento, mesmo com títulos nacionais e mundiais já alcançados por skatistas profissionais na época.

“Meninos **brincando** com skates, ricos em sua maioria, fizeram ontem, segundo os jornais, uma passeata pelas ruas da cidade. Ao Ibirapuera não chegaram, porque tomariam a **lição** que o pai não lhes deu”. “Solicito a V.Exa. **deter** e levar aos Juizados de Menores todos aqueles que praticarem esse ‘**esporte**’ no leito das ruas e nos logradouros públicos. Agravam o **perigo** que representam”. “Os papais ficam cientificados” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).

Conforme matéria da *Folha de São Paulo* (2010), o *skate* na cidade só foi liberado após as eleições de 88, quando Luiza Erundina foi eleita a nova prefeita de São Paulo, assumindo o cargo de Jânio Quadros. Erundina foi uma das fundadoras do PT (Partido Trabalhista), nordestina, defensora dos sem-terra e eleita aos 53 anos, em 1988, conforme salienta Brandão (2014).

Após o término da gestão de Jânio Quadros, foi essa nordestina de origem humilde e empenhada em administrar a cidade de São Paulo para o benefício dos “paulistas de baixa renda”⁶² quem revogou a Lei 25871, a qual proibia a prática do skate nas ruas da maior cidade do país (BRANDÃO, 2014, p. 313).

Mas a luta dos skatistas para alcançar seus direitos não parou nos anos 80. Em 2010, o vereador Adolfo Quintas também quis vetar o *skate* nas ruas de São Paulo devido a reclamações da população. Contudo, o *skate* como esporte, já mais organizado, através da Confederação Brasileira de Skate (BSK), conseguiu chegar a um acordo, e Quintas reviu sua posição. A mobilização dos skatistas gerou resultados positivos para os praticantes.

Preocupado com a repercussão negativa sobre o projeto de lei contra o uso do skate nas calçadas da cidade, Quintas recuou. A proposta, aprovada em primeira votação na semana passada, deve ser arquivada. O gabinete do

vereador informou ao Folhateen que houve “precipitação” em levar a proposta para a votação (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).

Tendo em vista a motivação para que Quintas tenha voltado atrás no objetivo de proibir o *skate*, nota-se que a preocupação era com a imagem que a população teria do governo. Mais tarde, no mesmo ano, foram realizadas reuniões entre a CBSK e o conselho gestor de São Paulo para definir algumas regras de conduta dos skatistas.

A Confederação Brasileira de Skate foi fundada em 1999 e, desde então, vem lutando pelo direito dos skatistas, organizando o esporte de maneira que seja possível sua esportivização e tirando a visão de marginalidade dos praticantes. A CBSK possibilitou que muitas lutas dos skatistas fossem vencidas.

No ato de 2012, citado anteriormente, com a reivindicação por parte da população de que se colocassem paralelepípedos na ladeira da praça Joanópolis em São Paulo, a CBSK entrou na causa novamente e conseguiu que as obras fossem adiadas. “Ficou definido que a Confederação Brasileira do Skate vai apresentar até o início de maio uma proposta de uso do espaço, com regras que garantam os direitos dos moradores” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012).

Com o passar do tempo, os skatistas foram ganhando mais voz em meio ao cenário político, talvez pelo fato de estarem mais organizados. Em síntese, apesar de muitas pessoas ainda terem preconceitos pelo modo de o skatista agir, aos poucos o pensamento de que *skate* é coisa de “jovem que não tem o que fazer” está ficando de lado. É notável que todo o esforço da CBSK junto aos praticantes e simpatizantes do esporte valeu a pena, para garantir seus direitos e conquistar o respeito.

3.2 SKATE: CULTURA E IDENTIDADE JUVENIL

O *skate* é construído dentro dos conceitos da cultura e da contracultura; suas raízes estão diretamente ligadas ao tema. Almeida (2018), seguindo os pensamentos de Willians (1989), relata que nascemos em meio à cultura, se tornando algo inconsciente e subjetivo, pois existem diferentes sociedades, e cada uma possui suas particularidades. Sendo assim, apenas reproduzimos o contexto em que vivemos. Almeida enfatiza ainda que a cultura é desfrutada por todos os membros da sociedade em geral.

Bacic Olic (2014) aponta que as modalidades esportivas que existiam antes da metade do século XX tinham um caráter de sociedade moderna e, como ela, possuíam aspectos que a refletiam, “como pautados nos princípios da meritocracia (competição) e busca pela vitória por meio da organização tática, da técnica e da disciplina” (BACIC OLIC, 2014, p. 3). Desse modo, o *skate* em seu início não se encaixaria nesses termos.

Todavia, essa imposição de um caráter mais aceitável por parte da sociedade não permaneceu apenas nos primeiros anos do *skate*, como vemos em uma matéria de 2010, da *Folha de São Paulo*: parte da população de algumas cidades não concorda com a convivência junto aos skatistas. “O SKATE nasceu nas cidades, mas as cidades não querem o skate. E, ironia maior, se quisessem, talvez o skate perdesse a graça” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).

O texto coloca em suas linhas que o *skate* “perderia a graça” se a sociedade aceitasse seu modo de ser. Isso seria resultado de mais de duas décadas de preconceito, com a cultura urbana do esporte. Principalmente na categoria *street*, em que os praticantes usam as estruturas da cidade para realizar suas manobras, o que é visto como arte por parte dos skatistas e simpatizantes.

Figura 3: Skatista mandando manobra em monumento da Catedral de Brasília (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005).



Outro texto da *Folha de São Paulo*, agora do ano de 2005, traz o *skate* como uma arte. É importante saber que o esporte traz uma profissionalização não apenas para os atletas. O mercado do skate como algo profissional abrange diversas áreas, como de fotógrafos, pintores, empresários, treinadores, editores de vídeo, entre outros.

A matéria divulga a mostra de artes, Skate Arte, na galeria Ouro Fino, em São Paulo, na qual o fotógrafo Flávio Melo expôs as fotos que ligam o *skate* com a cultura artística.

Há de se notar que a cidade de São Paulo é um grande polo para os skatistas e a cultura que os envolve. Em outra matéria da *Folha de São Paulo*, agora de 2010, mais uma mostra cultural, sobre a “arte de destruir” do *skate*, na qual o artista Lucas Pexão chamou onze artistas plásticos para desenhar a parte de baixo do *shape* (prancha de madeira) e mais quatro skatistas para destruir esses mesmos desenhos, realizando manobras nas ruas de São Paulo.

É esse conceito que a mostra “Destroy and Create” dissecou no Matilha Cultural, em São Paulo. “Desgastam-se o skate e a cidade. Destruir faz

parte dessa cultura e tem como propósito a criação”, explica Lucas Pexão, curador (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).

Figura 4: Skate antes e depois de usado (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).



A arquitetura urbana, como dito anteriormente, é muito utilizada pelos skatistas e, também, frequentada por vários membros de culturas urbanas, como o *hip hop*, o *punk* e até mesmo o *rock*. Cabe aqui destacar a relação que a banda Charlie Brown Jr. teve com o *skate*, através de seu vocalista Chorão. A banda Charlie Brown Jr. foi um grupo de sucesso nos anos 2000, por misturar estilos de música como *rock*, *rap* e até mesmo *reggae*. Foi encerrada devido ao falecimento de Chorão, em 2013.

Gabriel Haguiô, para o site *TrackList* (2021), ressalta a ligação de Chorão com o *skate*, enfatizando que os jovens que o praticam crescem inseridos em meio à sua cultura. Alexandre Magno Abrão, o Chorão, foi um desses jovens, que, em meio às ruas de Santos, SP, encontrou no *skate* uma paixão e, através da cultura musical, transmitiu esse gosto.

“A banda enxergava o skate e o rock como dois universos conectados: os integrantes diziam que a energia que sentiam nos palcos e no estúdio era a mesma

que sentiam nas pistas” (HAGUIÔ, 2021). Chorão, após a fama, nunca largou o *skate*. Além disso, construiu uma pista na sua cidade e, em seus *shows*, montava obstáculos em meio ao palco, para propagar para o Brasil a cultura do skate.

Figura 5: Matéria sobre campeonato de *skate* com *show* ao vivo do Charlie Brown Jr. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2009).



O *skate* como prática esportiva é incorporado pelos jovens como uma cultura, que rompe com os paradigmas de esportes tradicionais. Em eventos e campeonatos, outras culturas juvenis se misturam à do *skate*, tendo assim uma heterogenia de culturas vindas das ruas, como o grafite, o *rap*, o *rock* etc. “A este conjunto heterogêneo de manifestações juvenis foi dado o nome de contracultura. Logo, a emergência dos esportes radicais pode ser encarada como parte deste movimento da contracultura no campo esportivo” (BRANDÃO, 2011 *apud* BACICOLIC, 2014, p. 4).

Em outra matéria mais recente do jornal *Folha de São Paulo*, de 2021, nota-se que as raízes da contracultura ainda permeiam o skate até mesmo na Olimpíada, não apenas pelo estilo de competição que os skatistas trazem, com a característica de um torcer pelo outro, como uma grande família, independentemente de serem adversários, mas também pelo estilo dos uniformes. “Camisetas largas, tênis com a sola chapada e bonés para cobrir cabelos louros reforçam esse espírito

rebelde e descolado dos reis de Dogtown, que marcaram a ascensão do esporte” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).

Figura 6: Skatista brasileiro Luiz Franco na Olimpíada de Tóquio (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).



Mais uma vez, o jornal aponta que quem teve uma influência grande no estilo dos skatistas brasileiros foi Chorão, do Charlie Brown Jr. “Eles traduziram esse estilo aqui, com o blusão, a bermudona, o tênis e o próprio skate” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Outro fator a se observar é que até quem não tem a ver com o *skate* em si vem tomando gosto por essa moda, vendo nela uma estética bonita, formando, assim, uma indústria voltada para marcas de roupas de skatistas, como a Vans, Nike SB, Element, Thrasher, entre outras.

Almeida (2018) enfatiza que o modo de se vestir do skatista tem uma representatividade de grande importância para estabelecer um movimento de contracultura. O símbolo visual do skatista traz consigo uma cultura urbana, totalmente oposta ao padrão imposto pela sociedade. Contudo, dentro dessas categorias, há diversas ramificações, que trazem uma diferenciação entre um praticante do esporte e outro.

Questões como essas foram observadas no estudo de Veloso e Dalio (2013), que apontam o skatista como um ser que desafia o *status quo*, que foge do padrão e

é estereotipado como marginal e delinquente, justamente pelo modo de se vestir e de se comportar.

Para a matéria do jornal *Folha de São Paulo* (2021), Fernando Hage, coordenador do curso de Moda da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap), relatou: "O movimento de rua tem essa ideia de construir a sua identidade por meio das roupas, com a impressão de um estilo pessoal. O skate chegou às Olimpíadas levando isso".

3.3 SKATE: DA RUA PARA A OLIMPÍADA

De acordo com Bacic Olic (2014), não há como identificar exatamente quando o *skate* surgiu, porém, foi a partir dos anos 70 que começou a se difundir um caráter de se alcançar objetivos em sua prática, com desenvolvimento de manobras e objetivos de ultrapassar obstáculos e desviar deles.

Bacic Olic (2014) ainda enfatiza que a essência do *skate* passou a ser comparada com comportamentos juvenis, e não com um esporte, isso por gerar conflitos, passando próxima à marginalidade e ao vandalismo, pois skatistas andavam apenas nas ruas, ocasionando quebras e desgaste nos patrimônios públicos.

Nos dias atuais, ao contrário, todos os campeonatos de *skate* do Brasil são regulamentados pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK), com regras de organização e competição, que são seguidas na maioria dos campeonatos. Em seu início, até mesmo os eventos grandes não possuíam uma certa regulamentação, cada campeonato seguia suas regras de julgamento e de cronograma.

Com isso em mente, a *Folha de São Paulo* (1988) traz uma matéria sobre um dos primeiros campeonatos de *skate* de grandes proporções do Brasil, o Sea Club Overall Skate Show, que, como a cultura do *skate* sempre trouxe, foi mais um espetáculo do que realmente um torneio, com participação de skatistas renomados no mundo, como Tony Hawk e Lance Mountain (skatistas norte-americanos), juntamente com 24 skatistas brasileiros de destaque na cena.

Figura 7: Skatista mandando manobra no Sea Club Overall Skate Show (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).



Como já mencionado, na época os campeonatos não eram tão organizados como atualmente. Sendo assim, até mesmo os campeonatos brasileiros não contavam com um ranqueamento que classificava os skatistas representantes de cada estado. Dessa forma, no Sea Club Overall Skate Show, um dos organizadores do evento, Petronio Vilela, convidou skatistas que vinham se destacando no cenário vertical da época e, também, desenvolveu regras para os três dias de evento. Segundo Petronio para a *Folha de São Paulo* (1988), “Os competidores vão andar juntos em baterias de 30 minutos. Cada vez que um atleta se apresentar, terá 50 segundos para fazer suas manobras. Depois espera até outros se exibirem”.

Se os eventos e competições não eram regulamentados, o esporte em si muito menos. A profissionalização no *skate* ainda era um sonho distante até mesmo para skatistas que obtinham boas classificações em campeonatos, ou um nome de destaque no Brasil. Para conseguir viver do *skate* e não passar necessidades, muitos saíam do país, pois, fora, as condições eram melhores. No Brasil, os skatistas precisavam improvisar com o que sabiam para ganhar um dinheiro extra.

A fama de levar vida mansa não combina com alguns skatistas de Ribeirão que estão usando o esporte para ganhar dinheiro em apresentações nas cidades vizinhas, inaugurações e festas de aniversário (FOLHA DE SÃO PAULO, 1993).

Como a matéria da *Folha de São Paulo* destaca em seu título, “Skatistas usam esporte para ganhar dinheiro”, é notável que as palavras usadas nessa manchete evidenciam que o *skate* ainda não era considerado algo para se profissionalizar e do qual se viver. Skatistas “manobrando”, pulando obstáculos, saltando rampas e ganhando dinheiro para fazer isso? Inacreditável ao olhar da ampla sociedade da época, o que felizmente mudou nos dias atuais.

Segundo a *Folha de São Paulo* (1993), na época, “O empreendimento ainda não garante um bom salário, pelo menos ajuda os meninos a se manterem no esporte e até a sonharem com o dia em que poderão transformar o skate em profissão”. Patrocinadores escassos, campeonatos com premiação em produtos de loja de *skate*, e não em dinheiro, o *marketing* para *skate* na época não era tão abrangente, entre outros fatores que levavam o skatista a não possuir uma renda, ao contrário de atletas de outras modalidades, como o futebol.

Cabe uma análise do fato de que, desde a matéria anteriormente citada, de 1988, até 1995, em outra matéria da *Folha*, os campeonatos mundiais de *skate* ainda não dispunham de um circuito internacional unificado, sendo que cada país organizava seus eventos. Atualmente, a World Skate é responsável por organizar e patrocinar os mundiais de *skate*.

No Brasil, na época, o órgão que administrava os eventos e ranqueamento dos atletas era a União Brasileira de Skate (UBS), que ficou em atividade até 2000, quando a CBSK foi consolidada.

O fato de a *Folha de São Paulo* divulgar vários dos campeonatos de *skate* que aconteciam na época ajudou no maior reconhecimento do esporte, sendo que as informações do que acontecia no mundo dos skatistas chegavam para mais e mais pessoas. No Tribo Skateboard Pro São Paulo, não foi diferente. A *Folha* divulgou em sua manchete: “Brasil terá 1º campeonato internacional” (1995), campeonato que traria a última etapa do Circuito UBS Pro 95. O ganhador levaria R\$ 1.500,00 para casa. Com participantes internacionais no evento, premiação em

dinheiro, melhor organização, era notável o começo de uma esportivização do *skate* no Brasil.

Um dos marcos que alavancaram o *skate* em meio a outros esportes foi a grande "olimpíada" dos esportes radicais, o X-Games, que trazia esportes como *skate*, *bike*, *motocross*, patins e até mesmo *snowboard*. Evento criado para e pelo canal de TV ESPN, que foi precursor dos eventos de esportes de ação. Em 2000, acontecia a 6ª edição do evento, e, na modalidade *skate*, havia vários representantes brasileiros de destaque.

De acordo com a *Folha* (2000), no X-Games, "O segredo está em combinar a emoção intrínseca aos esportes com toda a parafernália televisiva. Com esses ingredientes, monta-se um ambiente de entretenimento cativante para o público". Para o público que tem curiosidade por atividades radicais e para quem já gostava de eventos esportivos, a emoção de esportes de adrenalina trazia e traz um gosto a mais.

A prova de que eventos como esse geram interesse está no público alcançado. De acordo com a matéria de 2000 da *Folha*, em 1995, em sua estreia, o X-Games alcançou cerca de 140 mil telespectadores, já para o ano de 2000, o público esperado era de 350 mil pessoas. Com isso, os atletas também saem ganhando. Além do reconhecimento e do crescimento das modalidades incluídas nos jogos, os vencedores ganham a premiação em dinheiro. Em 95, o total em premiação para os vencedores era de U\$ 300,00. Já em 2000, a premiação passa a casa do milhão, em dólar.

O Brasil, no X-Games de 2000, tinha a maior quantidade de representantes na modalidade *skate*, sendo que um dos mais bem conceituados e reconhecidos estava entre eles, Bob Burnquist. Fora ele, Sandro Dias e Cristiano Mateus na categoria vertical, Carlos Andrade e Rodil de Araújo no *street*. Grande representatividade entre os participantes, que fizeram o *skate* crescer ainda mais no Brasil.

E, com o grande espetáculo que é o X-Games, é claro que o *skate* ganharia visibilidade no país, principalmente pelo fato de skatistas nacionais conquistarem lugar de destaque nos *rankings* do evento. Fazendo um paralelo com a proibição do *skate* em 1988 na cidade de São Paulo, encoberta de muito preconceito com as culturas urbanas, tanto por parte do governo quanto da população, duas décadas

depois, já era possível ver o quanto a postura da sociedade em relação ao *skate* havia mudado e o quanto o esporte vinha conquistando seu espaço.

Prova disso está na matéria da *Folha de São Paulo* (2008), que divulgou a primeira edição nacional do X-Games norte-americano (considerando o fato de existir o X-Games latino-americano), apresentada na cidade de São Paulo, em 2008. É notável como o olhar da Prefeitura de São Paulo para o *skate* mudou. No evento, foram investidos R\$ 450 mil, valor equiparado com de eventos de outras modalidades.

Figura 8: Sandro Dias na competição do X-Games (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008).



O evento foi realizado no Sambódromo do Anhembi, sendo que a cidade se destaca pelas culturas urbanas existentes, fato que levou São Paulo a ser escolhida para sediar o X-Games. Walter Feldman, secretário de Esporte da cidade na época, descreveu para a *Folha* que “Os esportes radicais estão ‘bombando’ aqui. Estamos fazendo um trabalho de base e, com isso, podemos nos aproximar do jovem que gosta da cultura de rua, do skate e do rap, bastante relacionados às características da cidade” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008).

O que pode ter gerado uma boa aceitação por parte do público foi o caráter da população jovem paulistana, que, de acordo com a *Folha* e com o secretário de Esportes, se identifica mais com esportes radicais do que com os olímpicos. “Do ponto de vista social, os X-Games mostram que a violência pode ser substituída por adrenalina pura”, aponta Feldman.

De acordo com a *Folha*:

Segundo pesquisa do Datafolha realizada em 2002, São Paulo é a capital brasileira com o maior número de praticantes de skate: cerca de 358 mil domicílios têm adeptos da modalidade. Esse número corresponde a quase o dobro do que foi constatado na segunda capital do ranking, o Rio de Janeiro, com 180 mil domicílios (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008).

Percebe-se que, ao longo de cada década, o *skate* foi ganhando seu espaço, um esporte que foi proibido e que esteve longe de ser considerado olímpico, cujos praticantes foram marginalizados e sofreram preconceito. Nos dias atuais, tudo muda e continua mudando. Graças ao esforço da CBSK e de inúmeros skatistas e organizações, é possível ter atletas que representam o Brasil, uma seleção brasileira de skatistas. De acordo com a CBSK (2020), a seleção conta com 22 atletas, sendo cinco na modalidade *park* feminino, seis no *park* masculino, seis no *street* feminino e seis no *street* masculino. Esses atletas puderam representar o Brasil na estreia do *skate* nos Jogos Olímpicos de 2021, em Tóquio.

Figura 9: Kelvin Hoefler após acertar a manobra que o colocou no pódio (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).



Em sua estreia nos Jogos Olímpicos, o Brasil já marcou seu nome no *skate*, com três medalhas de prata, sendo uma na categoria *street* masculino, uma na *street* feminino e outra no *park* masculino. Kelvin Hoefler, um dos atletas da seleção, conquistou o segundo lugar no pódio do *street* masculino. De acordo com Hoefler para o jornal *Folha de São Paulo* (2021), “Essa medalha aqui, eu acredito que é um ganho para o skate e em geral do Brasil. A gente vem batalhando. É bem difícil a

modalidade no Brasil, então eu cresci tendo muitas dificuldades. Isso aqui não é só meu, é de todos os skatistas do Brasil”.

Segundo a *Folha*, Kelvin Hoefler é natural de Itanhaém, SP, mas começou a andar de *skate* aos nove anos, quando morava no Guarujá. Fato interessante é que, em sua cidade, não havia nenhuma pista adequada para andar de *skate*. Com isso, seus pais construíram uma rampa para ele no quintal de casa. Hoje, Kelvin mora na Califórnia e está consolidado como skatista profissional.

Mas os brasileiros em destaque na Olimpíada não pararam por aí. Rayssa Leal, a famosa fadinha do *skate*, também ganhou lugar nas páginas da *Folha*, conquistando a medalha de prata na modalidade *street* feminino. Uma conquista principalmente para o *skate* feminino, visto que as mulheres precisaram caminhar o dobro para alcançar seu espaço, em uma sociedade machista, que considerou o *skate* por muito tempo um esporte masculino.

Figura 10: Rayssa Leal nas finais dos Jogos Olímpicos de Tóquio (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).



Levando em consideração as matérias da *Folha de São Paulo*, não é exagerado dizer que o *skate* passou por uma grande revolução após a participação nos Jogos Olímpicos, ganhando muita visibilidade e ainda mais adeptos, de todas as idades. O mercado do *skate* no Brasil começou a lucrar mais, e os meios de

comunicação deram mais atenção ao esporte, que, de marginalizado pelo caráter contracultural, passou a ser um esporte olímpico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apresentar qual foi a influência da inclusão do *skate* como uma das novas modalidades na Olimpíada de 2021, com um olhar para como o esporte era visto pela sociedade antes e após esse evento, tudo isso pela percepção das matérias do jornal *Folha de São Paulo*.

O artigo levou em consideração matérias da *Folha de São Paulo* do período de 1988 até 2021, com uma metodologia de pesquisa composta pela análise de conteúdo, que visa entender o que está por trás das mensagens dos textos e falas, no ambiente das comunicações.

Para uma melhor compreensão do leitor, foi realizada uma fundamentação teórica, trazendo embasamento por meio de autores com referência nos assuntos abordados. Foi feita uma ampla fundamentação, incluindo a história do *skate*, a história do jornal *Folha de São Paulo* e um estudo sobre as identidades juvenis, que clareia qual a ligação da prática do *skate* com os comportamentos juvenis, além do destrinchamento sobre o método de análise de conteúdo com diversos estudiosos.

Os objetivos estabelecidos neste estudo foram alcançados, tendo em vista que, em seu início, buscava-se entender como foi a evolução do *skate* como um esporte em meio à sociedade, que o levou da proibição até a participação na Olimpíada de Tóquio. Pode-se também discorrer sobre os conceitos da cultura e da contracultura, que está enraizada nos processos de formação do *skate*, assim como discutir sobre a proibição do *skate* da cidade de São Paulo, em 1988, sendo que a *Folha* disponibiliza em seu acervo matérias da época.

O artigo objetivava entender, também, como a *Folha de São Paulo* se colocava em relação à prática do skate, assim como buscar no acervo do veículo de comunicação materiais que comprovassem uma postura favorável ou contrária ao esporte, visto que a *Folha* é um dos principais jornais do Brasil e que influencia na opinião de diversos leitores. Para isso, foram separadas 45 matérias do acervo da *Folha*. Destas, apenas 20 entraram na análise final do artigo, levando, assim, a uma exploração mais elaborada e à objetividade do tema.

Com isso, foi possível responder ao questionamento levantado anteriormente, chegando à conclusão de que a *Folha de São Paulo* nunca foi contrária à prática do *skate*. Desde o início do esporte nas ruas brasileiras, não foram encontradas matérias que criticassem ou impusessem um olhar ácido para sua prática. O veículo de comunicação, até mesmo em matérias que mostram a sociedade contra os skatistas, procurou entender os dois lados.

Tendo isso em vista, foi possível notar que, além de ser favorável à prática esportiva do *skate*, a *Folha de São Paulo* colaborou para que mais pessoas conhecessem o esporte, divulgando inúmeros eventos, sua cultura, dando visibilidade para muitos atletas, inclusive possibilitando que os skatistas expressassem seus pontos de vista e seus incômodos com a sociedade. Esse fator permitiu que o *skate* chegasse ao nível em que se encontra hoje, com uma revolução impactante, abrangendo todos os campos da sociedade, até mesmo com uma ascensão mercadológica.

Por fim, foi realizada uma pesquisa ampla, mas objetiva, que levou a resultados melhores do que os esperados. Cabe ressaltar que se esperava uma postura mais contrária ao *skate* por parte da *Folha de São Paulo* em seu início, porém, como visto, o posicionamento do veículo foi favorável à prática do *skate*.

Espera-se que esta pesquisa seja utilizada por pesquisadores, profissionais, estudiosos de diversas áreas, mas, principalmente, do campo das comunicações e da área do desporto. Vale também ressaltar que caberiam outros diversos trabalhos acadêmicos direcionados para temas presentes neste artigo, como o aprofundamento da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), das culturas e das contraculturas, ou até com o mesmo tema, mas direcionados a outros veículos de comunicação, que podem ter uma postura contrária à da *Folha de São Paulo*, porém, pelo recorte não apareceram neste texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Iasmin. **Representações da cultura do skate**: de um passado contracultural a um presente olímpico. 2018. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Santa Maria Centro de Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17313>. Acesso em: 4 out. 2022.

BACIC OLIC, Maurício. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmica em torno da prática do skate. **Campos: Revista de Antropologia**, Araraquara, v. 15, n. 1 p.

75-96, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.

BRANDÃO, Leonardo. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História**, São Paulo, v. 49, p. 293-326, abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17861>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CALIXTO, Pedro; CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000>. Acesso em: 5 set. 2022.

CBSK. Estreia do skate nas Olimpíadas será dia 25 de julho de 2021. **CSBK: Confederação Brasileira de Skate**, 17 jul. 2021. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/noticias/noticias/estreia-do-skate-nas-olimpiadas-sera-dia-25-de-julho-de-2021/1885>. Acesso em: 21 out. 2022.

CBSK. Pesquisa Datafolha 2015. **CSBK: Confederação Brasileira de Skate**, 2015. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/cms/dados/pesquisa-datafolha-2015/1982>. Acesso em: 19 ago. 2022.

CONDE, Idalina. Identidade social e nacional dos jovens. **Análise social**, Lisboa, v. 25, n. 108-109, p. 675-693, 1990. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13953>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Arte da destruição. **Folha de S. Paulo**, 9 ago. 2010. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Brasil terá 1º campeonato internacional. **Folha de S. Paulo**, 4 dez. 1995. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 13 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Campeão dos EUA quer “pegar umas ondas” no Brasil. **Folha de S. Paulo**, 8 abr. 1988. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 12 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cidades rejeitam o seu filho rebelde, o skate. **Folha de S. Paulo**, 26 jul. 2010. Disponível em:

https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Círculo Folha. **Folha Online**, [s.d.]a. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20da%20Folha%20come%C3%A7a,o%20jornal%20Folha%20de%20S. Acesso em: 23 ago. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Conheça o Grupo Folha. **Folha de S. Paulo**, [s.d.]b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cultura do skate direciona festa jovem. **Folha de S. Paulo**, 28 ago. 2009. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 13 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Jânio Proíbe skate e bicicleta no Ibirapuera. **Folha de S. Paulo**, 20 mai. 1988. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 12 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Jânio proíbe uso de skate em S. Paulo. **Folha de S. Paulo**, 25 jun. 1988. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 12 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Liberado pela prefeitura, Ibirapuera é invadido por skates e bicicletas. **Folha de S. Paulo**, 6 mar. 1989. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 12 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Look rebelde começou a ser moldado há 50 anos e hoje brilha no skate em Tóquio. **Folha de S. Paulo**, 7 ago. 2021. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. O brilho da fadinha. **Folha de S. Paulo**, 26. jul. 2022. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. 'Pico' de skatistas há 40 anos, ladeiras recebe paralelepípedos. **Folha de S. Paulo**, 20 abr. 2012. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Prata de ouro. **Folha de S. Paulo**, 25 jul. 2021. Disponível em:

https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Prefeitura suspende paralelepípedos “na ladeira do skate”. **Folha de S. Paulo**, 24 abr. 2012. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Skatistas não devem perder espaço em SP. **Folha de S. Paulo**, 9 ago. 2010. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 15 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Skatistas promovem passeata para reivindicar praça pública. **Folha de S. Paulo**, 24 jun. 1988. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 12 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Skatistas usam esporte para ganhar dinheiro. **Folha de S. Paulo**, 16 mai. 1993. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 13 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. SP assume identidade radical. **Folha de S. Paulo**, 25 abr. 2008. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 13 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Subindo pelas paredes. **Folha de S. Paulo**, 7 fev. 2005. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 13 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. X de ouro. **Folha de S. Paulo**, 12 ago. 2000. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/index.do?_ga=2.101338625.1261073132.1666637127-1949988547.1638125118&_mather=50b2d1653cf011d2. Acesso em: 11 set. 2022.

FOLHA de S. Paulo. Projeto editorial da Folha. **Folha de S. Paulo**, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>. Acesso em: 15 set. 2022.

GOV.BR. Centro de Referência de Acervos Presidenciais: Jânio Quadros. **Gov.br**, [s.d.]. Disponível em: <http://presidentes.an.gov.br/index.php/arquivo-nacional/60-servicos/registro-de-autoridade/107-janio-quadros>. Acesso em: 30 set. 2022.

HAGUIÔ, Gabriel. De Chorão às Olimpíadas: a popularização do skate no Brasil. **Tracklist**, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://tracklist.com.br/chorao-olimpiadas-skate/111181>. Acesso em: 6 out. 2022.

HONORATO, Tony. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XVII, Campinas, 6-10 set. 2004. **Anais do XVII Encontro Regional de História: o lugar da história**. Campinas: ANPUH/SP-UNICAMP, 2004, p. 1-14. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Tony%20Honorato.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

HUBERT, Yan Antunes. **Skate**: do surgimento ao reconhecimento olímpico nas percepções de skatistas da cidade de Ijuí - RS. 2021. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Física, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2021. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/7167>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das “características substantivas” das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7773>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MOTA, Vinicius. Leitor tem renda e escolaridade altas. **Folha de S. Paulo**, [s.d.]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml. Acesso em: 23 ago. 2022.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out.-dez. 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-512081>. Acesso em: 5 set. 2022.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Em 100 anos de história, “Folha de S. Paulo” se destaca pela coragem e ousadia. **Jornal da USP**, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/em-100-anos-de-historia-folha-de-sao-paulo-se-destaca-pela-coragem-e-ousadia/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

THOMÉ, Luciano. Contracultura: o conceito, sua história e seus problemas. In: Encontro Estadual de História da ANPUH RS, XXI, Ensino, Direito e Democracia, Santa Cruz do Sul, RS, 18-21 jul. 2016, p. 1-11. **Anais do XXI Encontro Estadual de História da ANPUH RS: Ensino, Direito e Democracia**. Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1476382682_ARQUIVO_Contracultura.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

TOMAZ, Cícero José; ROCHA, Maria Alice Vasconcelos; FERNANDES, Raquel de Aragão Uchôa. Juventude, identidade, educação e práticas de consumo pelos jovens. **Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 28, n. 1, p. 61-78, 2017. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2115>. Acesso em: 11 ago. 2022.

VELOZO, Emerson Luís; DALIO, Jocimar. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. **Revista Iberoamericana de Educación, Espanha**, v. 62, p. 217-231, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/591>. Acesso em: 6 out. 2022.

VIANA, Nildo. Juventude e identidade. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan.-fev. 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/16510>. Acesso em: 10 ago. 2022.